

Geral

AVIAÇÃO

EXPLOSÃO NO AR TURBINAS QUE FALHAM, PORTAS QUE CAEM... (Maus dias para a Boeing)

Um mau momento para os aviões Boeing? E o que parece. Depois da explosão da fuselagem e espetacular aterrissagem de um exemplar do modelo 737-200 no Havaí, na quinta-feira, dois outros graves acidentes com aviões fabricados pela Boeing aconteceram ontem, em diferentes locais — sem que, entretanto, se registrassem vítimas. Um Jumbo (Boeing 747) da companhia americana United Airlines procedente de Los Angeles, com 239 passageiros e 19 tripulantes a bordo, conseguiu aterrissar no aeroporto de Narita, Tóquio, com três de suas quatro turbinas em pane. E, na Inglaterra, uma porta de metal de um Boeing 727 que se preparava para aterrissar no aeroporto de Heathrow, em Londres, se desprendeu do aparelho, caindo sobre o jardim de uma casa das proximidades, em uma área densamente povoada. Mas o único dano foi a destruição de uma cerca.

Informou-se, em Tóquio, que uma hora e 15 minutos antes do horário previsto para a aterrissagem, o Jumbo da United Airlines registrou a interrupção do funcionamento de uma primeira turbina. Então, o aparelho sobrevoava o Pacífico. Uma segunda turbina parou de funcionar 30 minutos depois e a terceira, minutos antes do pouso. Ninguém saiu ferido. Não se informou sobre as causas das panes.

O Boeing 727 pertencente à empresa aérea da Islândia que pousou ontem sem uma porta, em Heathrow procedia de Reikjavik, e viajava com 76 passageiros e seis tripulantes a bordo. A porta pesava cerca de 30 quilos e media meio metro quadrado. Ela servia para "cobrir o trem de aterrissagem do avião", informou-se. As autoridades da Aviação Civil Inglesa, não conseguiram explicar como a porta se

desprendeu, ainda em voo. Funcionários do aeroporto foram enviados a Qinner, o local do acidente — a uns oito quilômetros de Heathrow —, com a missão de recuperar os destroços da porta e "iniciar uma investigação".

Boeings de Sarney
Os dois Boeings 737-200 que servem à Presidência da República para viagens domésticas e internacionais

não deverão passar por revisão estrutural depois da explosão ocorrida em um aparelho idêntico, na semana passada, sobre o Havaí. E o que os peritos dos aviões da Presidência informaram ontem, em Brasília, explicando que os aparelhos que têm servido ao presidente José Sarney não se enquadram na recomendação formulada pela empresa americana fabricante. Segundo a

Boeing todos os modelos 737-200 com mais de 60 mil horas de voo (ou 50 mil pousos e decolagens) devem passar por uma revisão estrutural.

Mas os aviões da Presidência têm, conforme os peritos, 11 anos de vida e cerca de oito mil horas de voo — o que corresponderia a uns 15% da vida útil de um aparelho daquele modelo. Os dois Boeings presidenciais têm

sido usados principalmente para viagens domésticas de Sarney, que, no entanto, já os aproveitou para viagens internacionais longas, como em 1986, quando visitou a África e Portugal. Os peritos em Brasília dizem que, "para suprir a ociosidade em terra", os dois aparelhos têm feito, também, a ponte aérea Brasília-Rio, transportando funcionários e parentes de Sarney, nos fins de semana.

Emoção no Havaí
Apesar de intensas buscas realizadas no oceano Pacífico, o corpo da aeromoça Clarabelle Lansing — a única vítima fatal no acidente da última quinta-feira —, ainda não foi localizada. E o que informou a companhia aérea Aloha Airlines, proprietária do Boeing 737-200 que perdeu parte de sua fuselagem a sete mil metros de altura, conseguindo pousar com "milagrosa segurança" no aeroporto de Kahului, no Havaí. O avião viajava com 94 pessoas a bordo, e dos 61 feridos no acidente, sete ainda estavam hospitalizados, ontem.

Enquanto, no Havaí, o comandante do aparelho, Robert Schornstheimer, ainda merecia elogios pelo "heroísmo" com que pilotou a aterrissagem, cenas de emoção eram lembradas ontem, pelos sobreviventes. Um dos passageiros, Bob Nichols, chegou a escrever apressadamente, ainda em voo, uma carta de despedida a sua família, sobre uma revista de bordo, cujo texto foi ontem divulgado: "Não há mais tempo. Amor, Papai", concluía a carta, depois de expressar o amor de Bob por sua mulher, Jan, e os três filhos. Informou-se também que, além do rombo na fuselagem, o Boeing 737-200 pousou com um motor "pifado" e com problemas no painel — que sequer indicava se o trem de aterrissagem ainda podia funcionar.

OS PAIS DA INVENÇÃO: ADMIRÁVEIS "LOUCOS".

Foram eles que criaram a pele artificial, o pedreiro mecânico, novos métodos de pulverizar e outros avanços. E serão premiados por isso.

Todos já foram chamados de loucos. Mas essa gente rara e incompreendida faz parte da admirável classe dos inventores, que leva a fundo a filosofia de Alexander Graham Bell: "O importante é não percorrer os caminhos já trilhados, mas procurar novos atalhos".

Foi procurando esses "novos atalhos" que o autodidata Luiz Fernando Xavier Farah criou uma pele artificial de celulose que vem revolucionando o "tratamento de queimados". Também o engenheiro biomédico José Francisco Biscegli e seu primo, o médico cirurgião Fábio Biscegli Jatene, criaram um sistema de autotransfusão de sangue que elimina os riscos de contágio da Aids e outras doenças. Marco Djuragin inventou um "pedreiro mecânico", uma máquina que constrói uma casa em apenas cinco horas. Há ainda Vladimir Pereira Gordo, que criou uma máquina para plantio de sementes que vem humanizando o trabalho do horticultor. E o engenheiro agrônomo Tomomassa Matuo, que desenvolveu um pulverizador para tratamento de pomares que diminui a poluição por agrotóxicos.

Esses pesquisadores são os que se destacaram no XV Concurso Nacional do Invento Brasileiro e vão receber na próxima sexta-feira, o Prêmio Governador do Estado 1987. Em entrevista exclusiva ao *Jornal da Tarde*, eles contam suas histórias e dificuldades.

conta — e em vários tipos de lesões cutâneas com resultados favoráveis. Como a celulose é um material inerte, não existe rejeição e a cicatrização é rápida. A nova pele alivia a dor das queimaduras, adere bem aos tecidos e faz com que o paciente tenha uma vida normal. Está sendo usada também no tratamento de peeling facial e nas úlceras traumáticas.

Sangue reaproveitado
O sistema de autotransfusão criado pelo engenheiro biomédico José Francisco Biscegli, do Instituto Dante Pazzanese, e pelo médico cirurgião Fábio Jatene, do Instituto do Coração, elimina o medo da população de se contagiar com Aids em cirurgias onde se necessita de sangue de doador, porque no novo processo o paciente tem o seu próprio sangue reaproveitado. Biscegli explica: "Aquele sangue perdido em hemorragias, que era jogado fora, agora é reaproveitado e filtrado através de um dispositivo que funciona como um reservatório. Esse sangue é infundido no paciente através de equipamentos tradicionais".

A vantagem da bomba ou dispositivo para autotransfusão é que ela pode ser acoplada a aspiradores cirúrgicos comuns encontrados em qualquer hospital. "Essa é a diferença dos brasileiros", observam os inventores. "Eles têm que ser bem mais criativos, o seu invento só dá resultado se for condizente com a realidade do País".

O dispositivo para autotransfusão é descartável e custa Cr\$ 5 mil. O preço do litro de sangue fica entre Cr\$ 15 mil e Cr\$ 20 mil. Com este invento, Biscegli e Jatene também conseguiram um meio de evitar o choque anafilático e aumentaram as possibilidades de vida daqueles pacientes onde a perda de tempo procurando doadores e fazendo exames de tipagem pode ser fatal. O

laborar com o trabalho do lavrador, um se destaca: o "pulverizador automático".

— Os pulverizadores tradicionais — ele explica — se caracterizam por um grande desperdício do produto aplicado. Só 35% do adubo jogado acabam ficando na planta. O restante polui o ambiente e prejudica principalmente, a saúde do lavrador que manja o equipamento. Fiquei pesquisando, desde 1975, a ideia de controlar esta perda e de inventar um novo tipo de máquina.

Como os outros inventores brasileiros, Matuo saiu à procura de um empresário que o ajudasse. A resposta também trouxe desconforto: "O meu dinheiro é bom, mas a sua tecnologia". Na dúvida, o pesquisador só teve um caminho: vasculhar os ferros-velhos procurando materiais para montar seu protótipo. Só teve a colaboração da Embra, que em 1983 liberou uma verba de 1.800 cruzeiros e, em 85, mais 5.700 cruzeiros.

Apesar da falta de recursos, o aparelho funcionou perfeitamente desde o primeiro teste. Com a mesma quantidade de produto químico utilizado pelos pulverizadores tradicionais, o engenheiro agrônomo conseguiu tratar, em menos tempo, o triplo de plantas. A máquina ainda está à espera de um empresário que queira comercializá-la, mas o inventor acredita que ela pode ser facilmente vendida por Cr\$ 100 mil, o preço das tradicionais, com as vantagens da economia dos defensivos agrícolas e a sua função antipoluidora.

so, depois de vários estudos e patrocinado pela empresa Asgrow, o agrônomo desenvolveu uma máquina que distribui as sementes uma a uma, além de facilitar o plantio, o lavrador não precisa se preocupar em replantar e a qualidade do produto é melhor.

— Esse equipamento é voltado principalmente para o plantio de sementes peletizadas, ou seja, sementes que são envolvidas por uma película de material inerte que garante 95% da germinação. As sementes estão sendo introduzidas há três anos pela Asgrow, que tem desenvolvido um novo conceito na nossa agricultura. Mas a máquina que eu inventei pode servir para qualquer tipo de sementes e foi montada para funcionar debaixo de sol, de chuva e em qualquer tipo de solo.

A máquina tem um funcionamento e uma manutenção tão simples quanto os de uma bicicleta. Pode ser empurrada manualmente ou então adaptada com mais módulos e acoplada a um trator. "Com ela, o lavrador pode plantar até dois hectares por dia", garante o inventor. Uma máquina simples custa Cr\$ 60 mil e com até quatro módulos para serem acoplados em tratores chega a Cr\$ 450 mil. O produto está sendo comercializado pela Lanevalim Equipamentos, fone (0192) - 42-3426.

Uma casa em cinco horas
Até o dia em que decidiu construir sua casa, em Piracicaba, o iugoslavo Marco Djuragin havia se limitado a inventar peças e máquinas para sua indústria têxtil. Quando viu os pedreiros passando o cimento com a colher no tijolo e a demora com que as paredes eram levantadas, o impaciente Djuragin protestou: "Este trabalho não pode ser feito desse jeito. Deve existir uma máquina para se fabricar casas".

Dois anos depois de pesquisas e muito dinheiro gasto levantando e derrubando paredes, Djuragin chegou ao "pedreiro mecânico", uma máquina composta por colunas de ferro que são reguláveis ao tamanho da construção. As colunas já determinam o espaço das portas e janelas. Tem ainda um equipamento que espalha massa na quantidade certa. O único trabalho — que não é preciso ser desenvolvido por pessoa especializada — é colocar os tijolos. A própria máquina se encarrega de assentar. Terminada a obra, o "pedreiro mecânico" pode ser montado e desmontado para outras construções. Em cinco horas, o equipamento monta uma casa com 40 metros quadrados com as paredes já rebocadas.

O "pedreiro mecânico" de Djuragin já construiu 160 casas populares em Matão e tem projeto para levantar mais 900. A máquina para obras de 40 metros quadrados está sendo vendida às construtoras por Cr\$ 1,2 milhão, e vem sendo comercializada pela Tissa Comércio e Exportação Ltda, fone (0194) 34-4095.

Simplez como bicicleta
"No Brasil, na área de horticultura não existe mecanização e isso acaba encarecendo o preço das verduras e tornando a vida na lavoura desumana e difícil", explica o engenheiro agrônomo Vladimir Pereira Gordo. Por is-



A aplicação, em uma pessoa queimada, da pele artificial...



Inventada por Farah (já considerado "digno de um Nobel").

— O Bio-Fill vem sendo utilizado no tratamento de queimados — ele

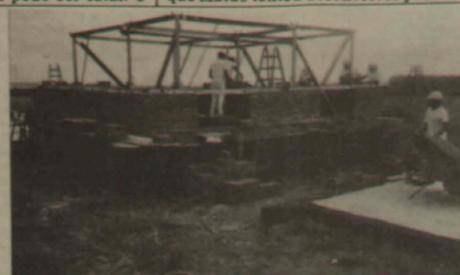
invento, embora recente e desconhecido pela população em geral, já está sendo utilizado em diversos hospitais brasileiros e exportado para o México, Venezuela, Colômbia, Chile, Equador, Portugal, Espanha, Egito, Grécia, Filipinas, Índia e Indonésia. A comercialização é feita pela Macchi Engenharia Biomédica Ltda (avenida Santa Catarina, 2.543, São Paulo, fone 563-8222).

"Professor Parda"
Quando Tomomassa Matuo puxa o cordão e o lençol improvisado para projeção de slides sobe, enrolando-se rapidamente, seus alunos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Unesp de Jaboticabal não conseguem deixar de rir. Matuo procura quebrar a monotonia das aulas de Tratamento Fitossanitário com seus inventos, e quando passa pelos corredores ouve o pessoal comentar: "Lá vem o professor Parda!".

Mas entre todos os outros inventos que Matuo tentou desenvolver para co-

lela Kiyomura Morano

O "pedreiro mecânico" inventado por Marco Djuragin: em apenas cinco horas, ergue uma casa. São colunas de ferro, reguláveis ao tamanho da construção, que facilitam a colocação dos tijolos. Nas fotos, três momentos da obra.



Uma festa para olhos e ouvidos

A ópera Ariadne em Naxos, com música de Strauss, estreou com sucesso no Rio. Além do brilho do elenco, mostrou a ousadia de Burtle Marx.

Os técnicos da Nasa mandaram a voz da soprano alemã Edda Moser para o espaço. Literalmente. Colocaram em duas naves Voyager fitas com a voz da Diva, e tudo — naves e voz — deverá ficar rodando pelo Universo por um bilhão de anos. Tudo bem. Nada contra. Mas, quem assistiu à estréia da ópera *Ariadne em Naxos* de Richard Strauss, no último domingo, no Teatro Municipal do Rio, não pôde deixar de pensar que aqueles americanos entendem mais de foguetes do que de arte lírica. Quem merece — pelo menos, a partir da recita de domingo — ter sua voz eternizada pelo céu agora — é a meio-soprano iugoslava Jadranka Jovanovic, que arrasou duplamente: é linda (mesmo vestida com roupas masculinas) e tem uma voz maravilhosa.

A estréia de *Ariadne em Naxos* — que marcou também a iniciação da cineasta Ana Carolina a frente de uma montagem operística e do paisagista e artista Burtle Marx como cenógrafo e figurinista — está sendo considerada pela sempre exigente crítica carioca como uma das melhores performances artísticas do Rio, nos últimos tempos. Não é para menos. A encenação de *Ariadne*, tida como a obra mais difícil de Strauss, é uma festa para os olhos e os ouvidos.

Dos ouvidos do público cuida o elenco, liderado por Edda Moser e pelo brasileiro Eduardo Alvares, tenor que já foi solista de filarmônicas como as de Viena e Londres e já cantou ao lado de divas como Monserrat Caballe e Grace Bumbry. Como se não bastasse, ainda tem Jadranka Jovanovic, nova paixão dos melômanos cariocas, a chilena Marcela Holtzapfel (que não mostrou o que podia no prólogo para estourar na ópera propriamente dita, interpretando a longuíssima e bela ária da Zerbinetta) e um grupo de brasileiros do primeiro time, como Carmo Barbosa e Ignácio de Nonno.

Com uma direção cênica segura, embora mais para o convencional do que para inovadora, de Ana Carolina, orientação musical do competente maestro americano Eugene Kohn, esse elenco brilha como raro. Mas, a grande surpresa da montagem está fora desse time. Quem mandou todo o convencionalismo para o espaço (desta vez, metaforicamente) foi o sr. Roberto Burtle Marx. Ana Carolina pretendia e não conse-



Ariadne em Naxos: mistura de óperas séria e bufa.

guiu (por falta de tempo para que o elenco se soltasse) fazer uma encenação "louca, esquizofrênica". Pois bem, a loucura ficou por conta do talento e da ousadia desse "jovem" de 80 anos, que provou definitivamente que nem sempre o novo está ligado a poucos anos de vida.

A festa de Burtle Marx começa no saguão do Teatro Municipal, com uma exposição que mistura os croquis de seus cenários e figurinos com o material empregado na confecção de suas ideias: de tecidos a sarrafos de madeira, um detalhe: os croquis de Burtle Marx estão à venda em forma

de litografias. No palco, a festa se completa. De cara, o público é levado a esquecer tudo o que aprendeu sobre combinação de cores. Nos figurinos, por exemplo, Burtle Marx nem hesitou em colocar Edda Moser com um vestido rosa e uma peruca vermelha encimada por plumas fúcsia. Carmo

Barbosa ostenta uma louquíssima peruca azul. Outros personagens passeiam com cabeleiras amarelas, roxas, laranjas, verdes e vai por aí.

Quem disse que um vermelho-sangue, um azul "cheque" e um rosa arroxoado brigam entre si? Nas mãos de Burtle Marx só combinam. Sua concepção de cores foge a tudo que lembre academicismo. E, em formas, sua ousadia explode no segundo ato (que seria a ópera propriamente dita, já que o primeiro é considerado um prólogo), quando cria uma caverna geométrica, com uns desenhos abstratos que lembram Paul Klee. O telão no fundo — mostrando o céu e o mar em cores luminosas — já lembra Chagall, exagero? Peguem a estrada e tirem a prova. Mas, preparem o coração.

Para começar, o enredo de *Ariadne* já é louco mesmo e mistura num mesmo palco uma encenação de uma ópera "séria" com uma ópera bufa. Mas, não acaba em samba (ou ária) do crioulo doido, graças ao talento do autor do libreto, Hugo von Hofmannsthal e, naturalmente, a beleza da música de Strauss (autor do célebre "Assim Falou Zarathustra", que o diretor Stanley Kubrick popularizou no filme *2001, Uma Odisseia no Espaço*). E, para completar, a reunião de tantos talentos só poderia dar no que deu. Sucesso.

A lamentar o restrito número de recitas (quatro). *Ariadne* sai de cartaz no próximo domingo para dar lugar ao Festival Internacional de Dança. Resta torcer para que o patrocinio — o elemento que está faltando para a concretização da ideia — apareça. Os brasileiros merecem assistir a um espetáculo desse porte. E deliciar-se não apenas com a interpretação do elenco, mas com a do ator Ricardo Petraglia, que faz o único papel falado, o do mordomo arrochante e esnobe. Mesmo falando em alemão (há legendas em slides num telão acima do palco), faz o público morrer de rir, com uma atuação irrepreensível. Dizem as más línguas — e as péssimas repetem — que o ator, que tem fama de antipático, está bem no papel porque não precisa fazer esforço para atuar. Seria uma verdadeira interpretação naturalista.

Isa Cambará

Música de câmara. Com uma estrela.

Ela é Ileana Cotrubas, que faz parte do seleto grupo das grandes líricas e está em São Paulo para uma única apresentação.

São Paulo não tem mais temporada lírica, e nosso prefeito não quer Pavarotti para reinaugar o Municipal. Os amantes paulistas do canto lírico estão, realmente, muito mal servidos. É portanto com alegria e alívio que o mundo do bel-canto recebe, esta noite, às 21h, a soprano romena Ileana Cotrubas, que está na cidade para uma única apresentação no Teatro Cultural Artístico (rua Nestor Pestana, 196).

Seus fãs mais ardorosos, que a viram como a Violetta de *La Traviata* de Verdi, no Municipal, na década passada, talvez estranhem o programa desta noite: uma primeira parte com Corelli ("Sarabanda", "Giga", "Badinerie"), Vivaldi ("Concertos em Sol Maior" e "Dó Menor" para cordas e contínuo) e Mozart ("Divertimento em Ré Maior"), e um segundo ato com o *Stabat Mater*, de Pergolesi, que La Cotrubas vai dividir com a mezzo-soprano Liliana Bizinech, também romena. A própria cantora reconhece que a música de câmara não é seu forte. Mas acontece que o *Stabat Mater*, além de ser uma de suas gravações mais recentes, já estava ensaiado com Bizinech porque o apresentam juntos no Festival dos Açores.

Ileana Cotrubas é sem dúvida uma estrela de primeira grandeza no cenário operístico mundial. E, se seu nome não é tão conhecido aqui quanto os de Iscla Jones, Kiri Te Kanawa, Birgit Nilsson ou Leontyne Price, a culpa é sobretudo das gravações internacionais, que não distribuem por aqui os discos desta soprano muito especial. No momento, por exemplo, nem as casas especializadas em música erudita, como a Breno Rossi ou a Bruno Blois, têm alguma cópia de gravações suas famosas como *O Canto do Destino*, de Brahms, ou *La Calisto*, de Cavalli, ou *Mitridate*, de Mozart, ou mesmo sua preferência, e seu personagem mais conhecido, a *Traviata*. Uma gravação que, por sinal, ela não pretende refazer, porque afirma que não poderia superá-la. Ainda mais com a assinatura de Carlos Kleiber, seu diretor preferido que, como ela mesma conta, conseguiu "fazê-la voar com sua própria voz".

Talvez seja por isso que Ileana Cotrubas responde rápido que é em italiano que ela prefere cantar. Além de Violetta, seu repertório, limitado a 18 ou vinte partituras, inclui ainda a Mimi de *La Bohème*, de Puccini, a Gilda de *Rigoletto*, de Verdi, e outras mulheres da cena lírica que a tornaram famosa no final dos anos 60 e nos anos 70, em montagens espetaculares tanto na Ópe-



Ileana Cotrubas (acima), uma soprano muito especial, em um programa que seus fãs mais ardorosos vão estranhar: música de câmara. Em sua companhia para o segundo ato, a também romena mezzo-soprano Liliana Bizinech (ao lado, com o maestro Flávio Chamis).

ra de Viena como no Scala de Milão, onde foi dirigida por Zeffirelli. Sua carreira, no entanto, começou em francês, no começo dos anos 60, em Bucarest, onde nasceu a 9 de junho de 1939. Sua aproximação com a música começou cedo, participando ainda menina do coro da Rádio de Bucarest. No conservatório de sua cidade natal estudou

canto e dicitão com Constantin Stroesco, que a orientou para a música francesa. Tanto que sua estréia no palco foi como o garoto Yuniold, em *Pelléas e Melisande*, de Debussy.

Seu repertório foi sendo acrescido de obras de Ravel, Fauré, Donizetti e Tchakowski, cuja Tatiana, de *Eugene Onegin*,

ela já cantou em inglês e russo. Em meados dos anos 60 passou a interpretar personagens em alemão, seja a Pamina, da *Flauta Mágica*, seja a Constance, de *Così Fan Tutte*, ambas óperas de Mozart, papéis que lhe valeram prêmios nos concursos de Hertenbosch e Munique, e um contrato para Bruxelas e outro para Frankfurt, que a fize-

ram sair definitivamente de seu país em 1969. Depois disso, ficou conhecida também sua interpretação da *Micela*, na *Carmen* de Bizet.

Hoje em dia Ileana Cotrubas mora em Monte Carlo, e tem passaporte alemão, que é a nacionalidade de seu marido. E não gosta de falar sobre o momento político de seu país, porque tem ainda muitos parentes lá. Mas garante que os romenos, um povo essencialmente musical, com um potencial imenso de vozes fantásticas para o mundo lírico, não têm visto muita coisa ultimamente.

Sua estada no Brasil, onde será acompanhada pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, inclui uma apresentação no Rio. Mas, sobretudo, uma visita a um famoso leitor de Tarot. Cotrubas adora os nossos místicos. No começo da década veio ao Rio especialmente para se consultar com um famoso pai-de-santo. Era um momento de crise, e foi aconselhada a continuar cantando. Como uma missão. Por isso, de última hora, Miriam Dauelsberg a convenceu a dar um recital no Rio. Conseguiram uma costureira que lhe fez um vestido vermelho, e os cariocas foram apresentados à voz de Cotrubas. Os anúncios diziam: seja pontual, a cantora embarca na mesma noite. E assim foi.

Ileana Cotrubas afirma que, quando aceita um convite de trabalho, quer sempre saber com antecedência com quem deverá lidar. Só então assina o contrato. Uma garantia, portanto, que temos da qualidade tanto de Liliana Bizinech, que ganhou vários prêmios em sua recente carreira, um deles no Rio em 1981, quanto para o jovem Flávio Chamis, que há um ano rege a Sinfônica de Porto Alegre, a segunda mais antiga do País, na vaga deixada por Eleazar de Carvalho. Como Bizinech, Chamis tem 32 anos. E, como ela, já tem uma carreira fora. Foi assistente de Leonard Bernstein, e dirigiu a Wiener Sinfonietta.

Desta vez também o Brasil é uma rápida parada em direção ao teatro Colón de Buenos Aires. Cotrubas e Bizinech estão encantadas com a ideia de cantar lá. Sempre sonharam com isso. Depois, La Cotrubas vai para Munique interpretar a Antonia, *Dos Contos de Hoffman*, e depois, para uma série de lugares, de sua agenda repleta. Os preços dos ingressos para esta noite são os seguintes: C\$ 3.000,00 para o setor A; C\$ 2.500,00 para o setor B; C\$ 2.000,00 para o setor C; C\$ 500,00 para estudantes.

Cesar Giobbi

Parentes ilustres e mutantes

A *Mística do Parentesco* (foto) é um livro que, aparentemente, não passa de uma vasta árvore genealógica da família de Domingos Pires Ferreira, que na ordem das coisas seria o sexto avô do autor, Edgardo Pires Ferreira. Trezentos anos de história, 5.500 pessoas registradas.

Só que é um material que escapa do particular para o geral, revelando as linhas mestras da história da família brasileira. Tanto que este primeiro volume — a obra tem quatro — está sendo lançado pela Editora Marques e Marigo, ligada ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. E a noite de autógrafos acontecerá ho-

je, a partir das 19 horas, na Livraria Corrêa do Lago (r. João Cachoeira, 267).

Segundo Edgardo, a família é original do Recife, mas suas ramificações atingem outros estados, como Minas, São Paulo e o Sul do País, porque a família brasileira é mutante, conforme mostram as pesquisas feitas em paróquias, arquivos e documentos de herança recebidos pelo autor. O livro mostra, entre outras peculiaridades, que o famoso construtor João Fortes vem de uma família originalmente construtora de casas de taipa. Revela o papel de Gervásio Pires Ferreira (irmão de Marília de Dirceu), na pouco difundida Revolução Republicana de Pernambuco de 1817. E ainda vem recomendado por nomes como Antônio Houaiss, João Cabral de Melo Neto, Afonso Arinos de Melo Franco, Barbosa Lima Sobrinho, entre outros.

A raiva abstrata de Guinle

Brasileiro nascido em Nova York em 1947 e morto na mesma cidade exatamente 40 anos depois, Jorge Guinle Filho (foto) vai ser homenageado hoje, às 21h, pela Galeria São Paulo e Varig na primeira mostra em homenagem póstuma ao jovem pintor. Ela acontece na rua Estados Unidos, 1.456 tel. (852-8855), onde serão mostradas obras inéditas da assim chamada "Fase Azul". A exposição só foi possível pelo empenho pessoal do fotógrafo Marco Rodrigues, amigo do artista e grande incentivador de sua carreira. São obras expressionistas e

abstratas, algumas delas feitas com visível raiva do artista durante a execução do trabalho. Uma mostra importante.

Fiaminghi

Preocupado com a cor e a luz na pintura, o paulista Hermelindo Fiaminghi, nascido em 1920, exporá suas pinturas na Galeria Montesanti (av. Europa, 655) amanhã, às 21h. São 24 obras recentes, ainda geométricas na essência, porém mais preocupadas com a pincelada e transparência. Integrante dos artistas concretistas dos anos 50, ele abandonou o grismo por achá-lo rígido demais na postulação de suas ideias. A exposição ficará aberta até o dia 31, das 10 às 20h, de segunda a sexta e sábado, das 10 às 14h.

Todas caras de Dick Farney

Todas as influências e faces do cantor Dick Farney estão em dois discos. Em um deles, Dick dedilha no Steinway de sua casa algumas peças básicas do repertório de jazz, como "All The Things You Are" (Jerome Kern, O. Hammerstein II), "Misty" (Errol Garner, Johnny Burke), "These Foolish Things" (Holt Marvell, Jack Strachey, Harry Link). Em outro, um depoimento e recital de Farney gravado no MHS. O disco não será vendido comercialmente. Esta foi uma iniciativa da Polibrasil, uma empresa que atua na área de resinas plásticas e resolveu comemorar 10 anos de existên-

tência distribuindo um presente especial.

As 25 músicas registradas são um retrato das múltiplas influências que Dick — na verdade, Farnésio Dutra — sofreu desde garoto. Do estilo de Dave Brubeck, das aulas de piano ao lado do pai, do estudo de música clássica, que ele detestou quando criança (nem destes discos, Farney gravou "No Turno", de Chopin). Mas não só: também estão registradas interpretações inéditas de "Disparada", de Geraldo Vandré, "Gentle Rain" (de Luís Bonfá), além de algumas canções de Duke Ellington e Dave Brubeck. Tudo ilustrado pelo depoimento de Farney, que atualmente integra o acervo do Museu da Imagem e do Som. Os discos serão distribuídos somente à imprensa e para clientes da Polibrasil.